

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº05 JUNHO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

5



POESIA PARA INÍCIO DE CONVERSA

MILENA MAGALHÃES

αΩ

Milena Magalhães
Professora de Literatura Brasileira
milena@ronet.com.br

POESIA PARA INÍCIO DE CONVERSA

Leitora desde sempre de prosa, ando às voltas com a poesia. Isso quer dizer que eu não tinha lido poemas antes? Quase isso. Na construção do gosto da leitura, acabamos fazendo escolhas e as minhas não se detiveram sobre a tal, provavelmente seguindo a trilha dos que fazem dela a arte menos consumida. Porém, os gêneros estão longe de terem suas fronteiras (tão) delimitadas e, lendo prosa, sem saber, eu já era leitora de poesia: Clarice e sua narrativa poética, Calvino com seus fragmentos, o fluxo de palavras/imagens do Saramago. Poesia. E estando às voltas, interajo estes mundos, numa relação que vem a partir das descobertas que tenho feito nas visitas a essa casa de imagens:

A poesia
É uma menina levada
Que bagunça a vida do poeta
E depois
Diz que não fez nada
(Binho, in, na ponta da língua)

Num jogo auto-reflexivo, o poeta já nos dá a dica. E outro completa: *Poesia/ é brincar com palavras/ como se brinca/ com bola, papagaio/ pião.* (José Paulo Paes). Daí reside a mágica que nos pode aproximar dessa “menina levada”. Não existem, portanto, receitas. Cada qual escolhe a melhor forma de brincar. Porém se existe uma dica, talvez essa outra voz nos possa ajudar: “A maior parte das pessoas lê poesia como se fosse prosa. A maior parte quer ‘conteúdos’ – mas não percebe formas. Em arte, forma e conteúdo não podem ser separados.” (Décio Pignatari).

Primeiro estranhamento causado em mim - leitora inicial de poesia. A busca pelo significado aparentemente é o motor diretriz de qualquer leitura e nenhum leitor em “sã consciência” imagina que a busca não deve ser apenas esta. O poeta e teórico Ezra Pound, porém, já nos alerta que a palavra *significado* é camaleã, exige diversas trilhas: “... mas o significado não é algo tão definido e predeterminado como o movimento do cavalo ou do peão num tabuleiro de xadrez. Ele surge com raízes, com associações, e depende de como e quando a palavra é comumente usada ou de quando ela tenha sido usada brilhante e memoravelmente”. Caminhando ainda mais, outro teórico, Jacques Derrida, afirma que a busca pelo significado é uma grande perda de tempo, que o trabalho com a linguagem é um jogo, significante produzindo outros significantes. Nem tanto ao mar nem tanto à terra. O significado pode e deve ser visto não como mera explicação, compreensão do conteúdo, mas como elaboração do pensamento do leitor a partir do dito e do não-dito que constitui qualquer texto, especialmente o poético. Já

foi dito: “Forma e conteúdo não podem ser dissociados”, a poesia é um trabalho com a linguagem e, nós, enquanto leitores, devemos deter-nos sobre esse trabalho:

o seu
olhar melhora
o meu
(arnaldo antunes)

Indo além do significado que surge na superfície e nos remete, por exemplo, a um ideal romântico, podendo ser vista como simples frase de amor que, imaginamos nós, pode sair da nossa boca a qualquer hora, é impossível não se questionar quais as razões de o poema estar disposto dessa forma, a escolha das palavras e o ritmo que elas provocam (as rimas, os sons). A disposição das letras insinua outras formas de leitura por meio do desdobramento, brincadeiras que podem surgir, como quando crianças: *o olhar olha o meu/ o seu olhar me olha*. A desautomatização (singularidade, estranhamento) a partir da forma. A fuga da simplicidade prosaica: *o seu olhar melhora o meu*.

O formalista russo Chklowski percorreu a idéia de um tipo especial de imagem relacionada à arte que tinha como objetivo não “tornar mais próxima de nossa compreensão a significação que ela traz, mas criar uma percepção particular do objeto, criar uma visão e não o seu reconhecimento”. A imagem que produz não um significado único, mas percepções várias. Chklowski estaria antevendo a relação mágica que se desenvolve entre cada leitor e cada texto, transformando o texto em vários. A singularização da palavra, Antunes parece nos querer dizer, é a busca constante da poesia: labirintos atrás de uma forma nova de dizer velho, que inova e ressurge.

Daí o leitor não poder querer ver apenas o imediato, o aparente. A poesia não se presta a isso. A literatura em geral deve ser vista como constante perguntar, um *buraco de Alice* (Caldas) onde o leitor não deve ter medo de cair. Um poeta contemporâneo, Péricles Cavalcante, nos diz em forma de poesia: se eu não disser nada/ como é que eu vou saber/ onde fica a entrada/ do castelo do querer/ qual é a resposta/ me diga, então/ qual é a pergunta? A resposta é uma pergunta, é ela que nos dá a chave da poesia, que são sempre várias chaves. Já nos disse Drummond: “a linguagem na superfície estrelada de letras. Sabe lá o que ela quer dizer?” Por não ter medo de questionar, Rimbaud construiu um tipo de poesia jamais vista antes e que continua a nos assombrar. Como se recusar a assombrar-se diante desta “menina”, já que ela própria nos faz esse convite a partir do momento que está sempre atrás do novo?

Eu faço versos como os saltimbancos
Desconjuntam os ossos doloridos.
A entrada é livre para os conhecidos...
Sentai, Amadas, nos primeiros bancos!

Vão começar as convulsões e arrancos
Sobre os velhos tapetes estendidos...

(Mário Quintana)

O poeta nos faz o convite usando exclamações, reticências e – mais na frente – interrogações, num gesto de quem pensa a poesia como imaginação disposta a sair do natural para percorrer – com convulsões e arrancos – os caminhos do verso.

Tenho aprendido que se ficamos diante da poesia como que detetives atrás de sentidos, não nos podemos esquecer do tipo de matéria que estamos tratando: “Cada palavra poética é assim um objeto inesperado, uma caixa de Pandora de onde saem voando todas as virtualidades da linguagem, é portanto produzida e consumida com uma curiosidade particular, uma espécie de gulodice sagrada. Essa Fome da Palavra, comum a toda a poesia moderna, faz da palavra poética uma palavra terrível e desumana. Institui um discurso cheio de buracos e cheio de luzes, cheio de ausências e de signos supernutritivos ...” (Roland Barthes).

É com essa mesma fome que devemos sentir, percorrer, perscrutar, problematizar a poesia. Verbos-ação - que darão sentidos aos *signos supernutritivos*. Se estamos condenados, como críticos e leitores, a produzir sempre uma metapalavra que esta seja produzida ao menos com gulodice. Para concordar ou discordar - ser paradoxal.

Certamente, assumindo-se como leitora-aprendiz de poesia, alguns dirão que não tenho autoridade para falar sobre o assunto. Por isso, essa escolha para início de conversa. É sempre como aprendiz que quero estar no mundo. Penso que a poesia – que ocupa um espaço de deslocamento do sujeito à medida que exige uma reflexão apurada – também nos pode servir para refletir sobre o nosso lugar no mundo e nos diz involuntariamente que não nos devemos contentar em ocupar lugares previamente determinados. Embora pareça ingênuo falar em paixão quando nos referimos ao saber, ainda ousou pensar que devemos cultivar a paixão e a ousadia. Sem elas, seremos apenas reprodutores de conhecimentos já existentes. Não devemos ser apenas diluidores, mas também inventores e mestres – ainda pensando na poesia com Ezra Pound.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

PRONOMES DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI: Uma Gramática de Uso

TÂNIA REGINA EDUARDO DOMINGOS
Annablume

RESUMO: O livro trata do uso dos pronomes de tratamento pelos portugueses contemporâneos do descobrimento e colonização do Brasil, através da análise das falas das personagens do teatro de cordel português do século XVI. A autora elegeu 13 autos do teatro de Gil Vicente para detectar as diferentes modalidades do uso dos pronomes nas relações de inferioridade, superioridade, igualdade, intimidade, afetividade de diversos tipos humanos.

SUMÁRIO: Os Pronomes nas Gramáticas do Século XVI; Os Pronomes de Tratamento e o Uso nos Personagens dos Cordéis e Autos Populares do Teatro Medieval Português do Século XVI; Regras de Uso.

Áreas de interesse: História, Letras, Linguística.

Palavras-chave: Letras, Literatura Portuguesa, Língua Portuguesa.

LINKS

Sebos Virtuais

www.livronet.com.br

www.livbrandaosebo.com.br

www.livrariavcalil.com.Br

www.tabernalivraria.com.br

www.sebopapirus.com.br

www.abebooks.com/home/calabrez

www.bibliofind.com

www.abebooks.com

Revista Bravo

www.rebravo.com.br

National Geographic

www.nationalgeographic.com

MASP

ww2.uol.com.br/masp

Le Monde

www.lemonde.fr

Louvre

www.mistral.culture.fr/louvre

www.sunsite.unc-edu/wm